

AValiação DA EMPATIA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES AUTISTAS E COM DESENVOLVIMENTO TÍPICO: REVISÃO SISTEMÁTICA

Edizângela de Fátima Cruz de Souza ¹
Lilian Kelly de Sousa Galvão ²

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por déficits persistentes na interação social e comunicação, bem como por padrões repetitivos e restritos de comportamento (American Psychiatric Association [APA], 2014). Esses sintomas podem influenciar consideravelmente no desenvolvimento e no cotidiano do indivíduo, como na área social e profissional (Cardoso *et al.*, 2015). Para o diagnóstico, é preciso que a pessoa tenha manifestado os sintomas precocemente, porém, comumente, a sua manifestação pode ter sido impedida por estratégias aprendidas ao longo da vida, o que faz com que a sintomatologia seja percebida mais tardiamente.

Esses prejuízos sociais que podem estar presentes no TEA levaram alguns pesquisadores a acreditar que o transtorno pudesse estar associado à falta de empatia (Assumpção, 1999). Isso foi sustentado a partir de estudos que mostravam correlação entre a disfunção no sistema de neurônios-espelho e as características desse transtorno (Dapretto *et al.*, 2006). Entretanto, mais recentemente, outros estudos demonstraram resultados opostos, em que essa rede de neurônios poderia ser ativada de forma adequada em autistas, ampliando a discussão sobre a temática e levantando novas possibilidades acerca de tal construto (Corradini; Antonietti, 2013).

A empatia pode ser definida como “uma resposta afetiva mais apropriada à situação de outra pessoa do que à sua própria situação” (Hoffman, 1987, p. 48). Essa definição é de Hoffman, que é o principal referencial que fundamenta o conceito de empatia utilizado nesse estudo. Esse autor também desenvolveu outros conceitos, como os sentimentos empáticos, a exemplo da angústia empática, que se refere a sensações de sofrimento e desconforto experienciados pelo *self* ao testemunhar o outro passar por situações de angústia.

¹ Edizângela de Fátima Cruz de Souza do Curso de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, edizangela.cruz@outlook.com;

² Professora orientador: Doutora em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, liliangalvao@yahoo.com.br.

A teoria de Hoffman apresenta caráter multidimensional, considerando três componentes da empatia, o afetivo, o cognitivo e o motivacional. Outros autores pressupõem essa divisão da empatia em componentes, especialmente, entre o cognitivo e o afetivo. A empatia, então, envolve processos cognitivos, que, segundo Feshbach (1975), relacionam-se à capacidade de diferenciar e rotular os estados mentais das outras pessoas, assumindo essa perspectiva e ponto de vista do outro. Também inclui uma dimensão mais afetiva, que seria associada à capacidade de sentir e se conectar aos sentimentos dos outros indivíduos (Moreto; Blasco, 2013).

Ao considerar esses dois componentes, as pesquisas que abarcam a temática sobre o TEA mostraram resultados que levantaram a possibilidade de que, na verdade, as pessoas autistas não demonstrariam uma falta de empatia, mas, em comparação aos indivíduos com desenvolvimento típico, o TEA apresentaria um comprometimento na empatia cognitiva, enquanto o componente afetivo poderia estar preservado (Baron-Cohen, 2011). No entanto, a literatura recente também mostra que os indivíduos autistas poderiam ter um excesso de sensibilidade empática quanto às emoções dos outros, o que faria com que procurassem se distanciar dessa situação de angústia, por não conseguirem lidar com esse excesso de sentimentos ao mesmo tempo (Garcia-Blanco *et al.*, 2017).

A presente revisão teve como objetivo realizar um levantamento sistemático sobre o desenvolvimento da empatia em crianças e adolescentes com TEA, em comparação com o desenvolvimento típico, considerando os aspectos mencionados e a metodologia utilizada pelos artigos. Dessa forma, será possível fornecer uma análise crítica sobre a temática, o que não há indícios de ter sido feito anteriormente, contribuindo para subsidiar futuras intervenções para o público-alvo, com o intuito de promover a empatia nesses indivíduos, levando em consideração os benefícios apontados pela literatura.

METODOLOGIA

A busca eletrônica foi realizada entre os meses de julho e agosto de 2022 nas seguintes bases de dados: PubMed, ERIC e Scopus. Os descritores utilizados foram definidos de acordo com os disponíveis em Ciências da Saúde (Decs/ MeSH): ((“Autism” OR “ASD” OR “Autistic Disorder” OR “Pervasive Developmental Disorder” OR “Infantile Autism” OR “Autism Spectrum Disorder” OR “Asperger Syndrome”) AND (“Empathy” OR “Empath”)). Após essa busca, foram analisadas as referências de cada artigo selecionado, com o objetivo de incluir

estudos sobre a temática que não tivessem sido abarcados pelos descritores utilizados ou que foram publicados em revistas que não estivessem indexadas nas bases de dados escolhidas.

Os critérios de inclusão foram: (a) estudos empíricos – correlacionais e de intervenções; (b) amostra clínica devidamente diagnosticada com TEA a partir dos critérios de manuais diagnósticos; (c) ter avaliado a empatia como variável principal ou secundária; (d) ter comparado crianças e adolescentes com TEA e crianças e adolescentes com desenvolvimento típico; (e) estar escrito em português, inglês ou francês; e (f) ter sido publicado no intervalo de anos de 2007 a 2022. Critérios de exclusão: (a) revisões de literatura, cartas, editoriais ou estudos publicados em anais de conferências; (b) teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso; e (c) estudos com animais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Empatia global

Nessa categoria, serão apresentados os oito estudos que investigaram a empatia de forma global comparando as crianças e os adolescentes com TEA com o desenvolvimento típico. De maneira geral, a maioria desses trabalhos (85,71%) mostrou que os indivíduos neurodivergentes apresentaram índices de empatia menores do que os neurotípicos, considerando que déficits na empatia estariam essencialmente relacionados ao transtorno presente no primeiro grupo.

Empatia cognitiva e afetiva

Além de avaliar a empatia de forma global, é possível investigá-la a partir de componentes. A maioria dos estudos (18) avaliou a empatia cognitiva e a afetiva de crianças e adolescentes com TEA e com desenvolvimento típico. Os resultados de quatro artigos que utilizaram escalas para mensurar esse construto mostraram diferenças significativas na empatia cognitiva em comparação com os controles, em que déficits nesse componente seriam centrais em indivíduos autistas, enquanto não foram observadas diferenças na empatia afetiva (Bos; Stokes, 2018; Kilroy *et al.* 2022; Rueda *et al.*, 2014a; Rueda *et al.*, 2014b).

Empatia e outras variáveis

Três estudos (10,34%) introduziram outras variáveis na comparação entre as crianças e os adolescentes com TEA e com desenvolvimento típico. Ao considerar as comorbidades, os

resultados de dois desses mostraram que as dificuldades na manifestação empática nos participantes autistas estariam relacionadas, na verdade, à coocorrência da alexitimia e não necessariamente ao transtorno propriamente dito (Butera *et al.*, 2022; Speyer *et al.*, 2021). Outro estudo, de modo geral, não encontrou diferenças entre os grupos no comportamento contagioso de bocejo. No entanto, percebeu que crianças autistas com alterações na concentração de ocitocina apresentaram níveis de empatia reduzidos, quando comparado com o próprio grupo TEA e com o neurotípico (Mariscal *et al.*, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que há uma tendência de os estudos mostrarem que, quando se compara crianças e adolescentes autistas com seus pares com desenvolvimento típico, pode haver diferenças mais relacionadas à empatia cognitiva e variáveis correlatas, como a teoria da mente e a tomada de perspectiva do outro, do que à empatia afetiva. Ainda sim, quando foi encontrado algum tipo de prejuízo nesse componente afetivo nas crianças e adolescentes com TEA, observou-se que os resultados encontrados poderiam ser explicados pela dificuldade para mensurar afetos, sobretudo na população com TEA.

Uma contribuição dessa revisão foi a sistematização do papel de diferentes variáveis no desenvolvimento da empatia em crianças e adolescentes autistas e com desenvolvimento típico, como o contágio, a organização mental e a teoria da mente. Também se destaca a análise do papel das comorbidades, como a alexitimia, relacionadas aos déficits de empatia em pessoas com TEA.

Uma limitação desse estudo foi não ter considerado descritores em outros idiomas, como o mandarim e o espanhol – lugares que o estudo da empatia tem crescido. Por fim, com base na revisão realizada, sugere-se que a influência de outras variáveis seja explorada em novos estudos que considerem a relação da empatia com o TEA, como a presença de outras comorbidades, como o TDAH, o Transtorno do Processamento Sensorial, a Deficiência Intelectual, a descoberta tardia do diagnóstico, a falta de acesso a terapias e o nível de suporte.

Palavras-chave: Empatia, Autismo, Infância, Adolescência, Revisão.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

ASSUMPÇÃO JR, Francisco B. et al. Reconhecimento facial e autismo. **Arq Neuropsiquiatr**, v. 57, n. 4, p. 944-949, 1999.

BARON-COHEN, Simon. **Zero degrees of empathy: A new theory of human cruelty**. Penguin uk, 2011.

BOS, Jason; STOKES, Mark A. Cognitive empathy moderates the relationship between affective empathy and wellbeing in adolescents with autism spectrum disorder. **European Journal of Developmental Psychology**, v. 16, n. 4, p. 433-446, 2019.

BUTERA, Christiana D. et al. Relationships between alexithymia, interoception, and emotional empathy in autism spectrum disorder. **Autism**, v. 27, n. 3, p. 690-703, 2023.

CARDOSO, Mayara Fernanda; DE CAMPOS FRANÇOZO, Maria de Fátima. Jovens irmãos de autistas: expectativas, sentimentos e convívio. **Saúde (Santa Maria)**, p. 87-98, 2015.

CORRADINI, Antonella; ANTONIETTI, Alessandro. Mirror neurons and their function in cognitively understood empathy. **Consciousness and cognition**, v. 22, n. 3, p. 1152-1161, 2013.

DAPRETTO, Mirella et al. Understanding emotions in others: mirror neuron dysfunction in children with autism spectrum disorders. **Nature neuroscience**, v. 9, n. 1, p. 28-30, 2006.

FESHBACH, Norma Deitch. Empathy in children: Some theoretical and empirical considerations. **The counseling psychologist**, v. 5, n. 2, p. 25-30, 1975.

GARCÍA-BLANCO, Ana et al. Communication deficits and avoidance of angry faces in children with autism spectrum disorder. **Research in Developmental Disabilities**, v. 62, p. 218-226, 2017.

HADJIKHANI, Nouchine et al. Emotional contagion for pain is intact in autism spectrum disorders. **Translational psychiatry**, v. 4, n. 1, p. e343-e343, 2014.

JOHNSON, Shannon A.; FILLITER, Jillian H.; MURPHY, Robin R. Discrepancies between self-and parent-perceptions of autistic traits and empathy in high functioning children and adolescents on the autism spectrum. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 39, p. 1706-1714, 2009.

KILROY, Emily et al. Motor performance, praxis, and social skills in autism spectrum disorder and developmental coordination disorder. **Autism research**, v. 15, n. 9, p. 1649-1664, 2022.

KLAPWIJK, Eduard T. et al. Different brain responses during empathy in autism spectrum disorders versus conduct disorder and callous-unemotional traits. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 57, n. 6, p. 737-747, 2016.

MARISCAL, Michael G. et al. Blood oxytocin concentration positively predicts contagious yawning behavior in children with autism spectrum disorder. **Autism Research**, v. 12, n. 8, p. 1156-1161, 2019.

MAZZA, Monica et al. Affective and cognitive empathy in adolescents with autism spectrum disorder. **Frontiers in human neuroscience**, v. 8, p. 791, 2014.

MORETO, Graziela; BLASCO, Pablo G. A erosão da empatia nos estudantes de medicina: um desafio educacional. **Rev Bras Med**, v. 69, n. 1, p. 12-7, 2012.

HOFFMAN, Martin L. The contribution of empathy to justice and moral judgment. 1987.
PAN, Ning et al. Empathizing, systemizing, empathizing-systemizing difference and their association with autistic traits in children with autism spectrum disorder, with and without intellectual disability. **Autism Research**, v. 15, n. 7, p. 1348-1357, 2022.

PETERSON, Candida C.; SLAUGHTER, Virginia; BROWNELL, Celia. Children with autism spectrum disorder are skilled at reading emotion body language. **Journal of experimental child psychology**, v. 139, p. 35-50, 2015.

POUW, Lucinda BC et al. Reactive/proactive aggression and affective/cognitive empathy in children with ASD. **Research in developmental disabilities**, v. 34, n. 4, p. 1256-1266, 2013.

RIEFFE, Carolien et al. Quantity and quality of empathic responding by autistic and non-autistic adolescent girls and boys. **Autism**, v. 25, n. 1, p. 199-209, 2021.

SCHEEREN, Anke M. et al. Empathic responsiveness of children and adolescents with high-functioning autism spectrum disorder. **Autism Research**, v. 6, n. 5, p. 362-371, 2013.

SCHWENCK, Christina et al. Empathy in children with autism and conduct disorder: Group-specific profiles and developmental aspects. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 53, n. 6, p. 651-659, 2012.

SOUZA, Liz Passos Nascimento. Diagnóstico diferencial entre transtorno do espectro autista (TEA) e distúrbio específico de linguagem (DEL). **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 7, p. 1465-1482, 2021.

SPEYER, Lydia Gabriela et al. Alexithymia and autistic traits as contributing factors to empathy difficulties in preadolescent children. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, p. 1-12, 2022.

TAVASSOLI, Teresa et al. Sensory reactivity, empathizing and systemizing in autism spectrum conditions and sensory processing disorder. **Developmental cognitive neuroscience**, v. 29, p. 72-77, 2018.

WANG, Xin et al. Empathy, theory of mind, and prosocial behaviors in autistic children. **Frontiers in psychiatry**, v. 13, p. 844578, 2022.